

Perspectivas para 2013

Roberto Rodrigues analisa como deverá ser o ano para o agronegócio brasileiro.

Bons lucros de um lado e risco de prejuízo de outro lado, por causa do aumento de custos. Tal pensamento resume o que se pode esperar do agronegócio brasileiro em 2013. Enquanto soja e milho, os principais grãos cultivados no Brasil, com mais de 80% da safra, devem manter cotizações em alta porque os estoques mundiais continuam baixos — agravados pela seca nos Estados Unidos e pela demanda agressiva dos países emergentes, sobretudo da China —, o setor de proteína animal, altamente dependente desses mesmos grãos, continuará sofrendo, como em 2012, o impacto do custo maior das rações.

Eis parte do cenário traçado para 2013 pelo ex-ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e membro do Conselho de Administração da ABC, Roberto Rodrigues, em entrevista exclusiva ao *Jornal dos Criadores*.

Confinadores de bovinos de corte e proprietários de plantéis leiteiros deverão tentar reduzir o consumo de milho nos rebanhos, indo em busca de rações alternativas, e, obviamente, melhorando as condições das pastagens.

Entretanto, Rodrigues lembra que no caso da pecuária de corte, o Brasil, que já é líder em exportações, pode continuar surpreendendo. “A seca nos Estados Unidos afetou as pastagens, o que obrigou os criadores norte-americanos a fazerem uma grande matança de fêmeas. Isso representará redução na oferta global de carne e o Brasil tem uma condição muito favorável para ocupar mais espaços em 2013”.

Isso tudo se o recente achado do príon (agente causador da encefalopatia espongiforme bovina, ou “doença da vaca louca”) em uma vaca no Paraná não servir de motivo para embargos mais sérios à carne brasileira. Até o fim de 2012, Japão, China, Taiwan, Coreia

do Sul, África do Sul e Arábia Saudita haviam vetado a compra de carne brasileira.

Se superada a crise da “vaca louca” em 2013, um dos fatores que auxiliarão no crescimento das exportações é o câmbio favorável, que tornou as commodities agrícolas brasileiras mais baratas lá fora. Mas câmbio bom para exportar significa ruim para importar — daí também mais um cenário de aumento de custos de insumos, sobretudo fertilizantes e defensivos, “dos quais somos bastante dependentes de compras externas, e até mesmo do aço para fabricação de maquinário agrícola”, destaca Rodrigues.

Café, cana e laranja

Sobram ainda três setores principais: café, cana-de-açúcar e laranja. O café deverá, na visão de Roberto Rodrigues, ter uma boa safra em 2013, embora menor do que a de 2012, que foi de 51 milhões de sacas de 60 quilos, devido à bianualidade natural do cafeeiro — o cafeeiro dá uma safra abundante num ano e, no ano seguinte, uma colheita menor. “Embora seja uma boa safra e os estoques mundiais ainda estejam relativamente altos, o câmbio favorável às exportações deverá compensar eventuais perdas, embora não se esperem grandes resultados no café”, diz Rodrigues.

As grandes culturas prejudicadas de 2013, na visão do ex-ministro da Agricultura, serão laranja e cana-de-açúcar. A primeira, principalmente por questões mercadológicas. “A demanda mundial por suco de laranja tem se reduzido — os Estados Unidos e a Europa, que estão em crise e são os principais compradores do suco brasileiro, diminuíram as importações”, lembra Rodrigues. “Além disso, o suco de laranja enfrenta forte concorrência com outros



Roberto Rodrigues: aumento no custo das rações impactará setor de proteína animal.

tipos de sucos e há, internamente, problemas recorrentes nas relações entre os citricultores e a indústria produtora e exportadora de suco de laranja”. É, para o ex-ministro, um momento “crítico” para a citricultura.

Já sobre a cana-de-açúcar, o grande problema é a falta de política pública, “ou melhor, há uma política pública, mas que perturba o setor”, diz Rodrigues, citando o subsídio ao preço da gasolina, que torna o etanol menos competitivo. “Apesar disso, o setor vive um momento de recuperação após quatro anos de clima adverso, mudança do sistema de produção e colheita, pressões regulatórias e crescimento dos custos”, diz Rodrigues. “E a demanda de açúcar, etanol e energia está em crescimento nos mercados interno e externo”, continua. “O que é necessário, porém, é rever a atual política de preços para a gasolina, que segura os preços do etanol independentemente das condições de oferta e demanda do biocombustível, o que prejudica a competitividade do segmento”, diz ele.

A falta de infraestrutura e logística para o agronegócio não poderia deixar de ser citada pelo ex-ministro. “A nova lei de descanso dos caminhoneiros deve aumentar ainda mais a pressão sobre o frete. A previsão é de 35% de aumento dos custos com frete em relação à última safra”, lembra Rodrigues.

De maneira global, porém, o ex-ministro conclui que 2013 ainda será um ano com boa renda para os produtores rurais brasileiros. “Alguns setores, como se viu, terão mais resultados positivos que outros, até porque ajustes ainda estão sendo feitos.” ■